

## A REPRESENTAÇÃO DO CORPO DA MULHER NEGRA NO LIVRO INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES

Josemar dos Santos Ferreira <sup>1</sup>  
Iêdo de Oliveira Paes <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho se debruça sobre o livro **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**, da autoria de Conceição Evaristo, no intuito de vincular a construção e a manutenção da memória e do imaginário com a representação do corpo da mulher negra, seja na relação íntima consigo mesma, seja nas relações interpessoais. Para isso, abordam-se algumas articulações das discussões de gênero em detrimento aos aspectos do universo machista que entrecruzam a utopia da superioridade masculina expressa em tentativa de dominação. Desse modo, são trazidos os fundamentos da crítica feminista à participação ativa da mulher na literatura, tendo em vista a literatura de autoria feminina como um lugar de expressão intelectual e de pertencimento da mulher que escreve. As contribuições de Bellin (2011), Bergson (1999), Castro (2008), Sartre (1996) e Zinani (2012) são aludidas em conformidade com a proposta deste trabalho.

**Palavras-chave:** Memória, Imaginário, Corpo da Mulher Negra, Discussões de Gênero, Crítica Feminista.

### INTRODUÇÃO

Durante o século XX, uma série de acontecimentos influenciou profundamente a desarticulação da forma como as estruturas sociais, políticas e culturais se estabeleceram sob a dominação patriarcal, rompendo barreiras através das lutas feministas. As lutas eram libertárias e não correspondiam à mera visibilidade da mulher em construção de uma nova polarização dogmática, mas se voltavam para conquistas como a igualdade de direitos restritos apenas aos homens. Portanto, as lutas feministas constituíram-se em esfera pública. E diante desse cenário, a crítica feminista foi se realizando. Zinani (2012, p. 411) afirma que “a crítica feminista sempre esteve inserida no movimento feminista, acompanhando sua evolução”. A afirmativa condiz com Bellin (2011) quando revisa as correntes da crítica feminista compreendidas por Elaine Showalter em duas fases. A primeira fase tendo ocorrido com o início do feminismo, no qual a mulher ganhou ênfase como leitora, de modo que a

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [josemarferreira2012@gmail.com](mailto:josemarferreira2012@gmail.com);

<sup>2</sup> Orientador: Prof. Pós-Doutor UFRPE/DL/PROGEL, [iedopaes@yahoo.com.br](mailto:iedopaes@yahoo.com.br).

crítica feminista concentrou-se na releitura de textos escritos por homens e, em seguida, na análise da representação da mulher pelo olhar patriarcal. Depois disso, a segunda fase teria ocorrido pela concentração na mulher enquanto escritora a partir de suas próprias experiências, bem como de sua participação cada vez mais assídua na escrita literária. Já Zinani (2012), de acordo com as ideias de Bonnici, mostra que o movimento feminista é entendido em três grandes períodos ou ondas, em que as fases ligadas à mulher leitora e à mulher escritora estariam inseridas às duas primeiras ondas respectivamente.

Mesmo a mulher tendo seu lugar efetivado na escrita literária, dois pontos conflituosos se revelaram para a crítica feminista: a denotação de traços femininos ou masculinos na escrita que pudessem determinar o gênero de sua autoria e a identificação de elementos no texto que representassem as experiências da mulher. Esse momento, por volta dos anos 1990, correspondeu à Terceira Onda Feminista. Logo emergiram as discussões de gênero e sua oposição à determinação biológica homem/mulher que, segundo Bellin (2011), a literatura de autoria feminina sempre tratou. As possíveis características a serem viáveis para a identificação do gênero masculino ou feminino de sua autoria estariam nos contextos sociais expressos nas obras literárias. Porém, “concretamente, não existem marcas específicas do feminino ou do masculino na escrita, de forma que nos parece complicado considerar as escritoras mulheres como um grupo à parte” (BELLIN, 2011, p. 6).

As discussões de gênero, por conseguinte, possibilitaram novos debates, sem a pretensão de por na balança e de medir qual expressividade, masculina ou feminina, revelaria maior importância. Tratava-se, no entanto, de entender os contornos importantes na literatura de autoria feminina à luz da crítica feminista.

As experiências da mulher na literatura de autoria feminina são investigadas neste trabalho, através do livro **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**, pela representação do corpo da mulher negra, relacionando traços da memória e do imaginário expressos no tecido literário. Também são correlacionados elementos a fim de mostrar as vozes de denúncia dessas mulheres em contexto de violência pelo machismo, bem como apontar aspectos em comum que as reúnem como uma só voz. Por fim, há uma tentativa de apreender termos que possam apontar para a autoria do livro, sem pretender “reforçar a ideologia patriarcal, aumentando ainda mais as diferenças entre escritores homens e escritoras mulheres” (BELLIN, 2011, p. 6).

Aborda-se, portanto, a influência dos atos de violência contra o corpo da mulher negra na configuração dos silenciamentos e dos sentimentos de reprovação a si mesma por tais atos acontecerem, como, por exemplo, vergonha e nojo depois de sofrer abuso sexual. De modo a

respaldar as investigações atreladas à crítica feminista e às discussões de gênero sobre tais fatos que, por sua vez, são narrados cotidianamente nos noticiários das rádios, dos jornais impressos/televisivos, entre outros meios cunhados pela internet.

Conceição Evaristo reúne histórias de mulheres, em seu livro aqui estudado, mediante uma narrativa que se mescla com as narrativas das personagens, como se as vozes se correspondessem e se autoapresentassem como uma só voz de múltiplos corpos. Voz de denúncia, de desabafo, de quem encontra amparo em quem se dispõe a escutar, cultivando e/ou tentando superar memórias e demarcações do imaginário.

## **METODOLOGIA**

Para início deste trabalho que se debruça sobre o livro **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**, primeiro identificou-se alguns pontos condizentes à representação do corpo da mulher negra com elementos que pudessem designar memória e/ou imaginário no contexto dessa representação. E por se tratar de Literatura de Autoria Feminina, foi de fundamental importância o entendimento da mulher enquanto escritora, sendo feita uma ligação da autoria do livro com a articulação das discussões de gênero mediante o campo de investigação da crítica feminista. Em seguida, foi preciso a apropriação do entendimento acerca da memória e do imaginário no tocante a sua natureza e aos seus recursos, não apenas para o texto ficcional, mas também para adentrar nos relatos das personagens enquanto histórias possíveis no mundo sensível. De modo que possibilitou relacionar os pontos observados no livro de Conceição Evaristo para vincular a memória e o imaginário à representação do corpo da mulher negra no texto literário e além dele.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico deste trabalho organizou-se com base no passo a passo que o fundamentou. Para localizar e dialogar a representação do corpo da mulher negra com as experiências da mulher enquanto escritora foi trazida a contribuição de Bellin (2011) e de Zinani (2012); as inferências em torno da memória e do imaginário em diálogo com a representação do corpo da mulher negra foram propiciadas por Bergson (1999) e por Sartre (1996); o trabalho de Castro (2008) permitiu trazer um olhar para o imaginário do fazer literário. Contrapondo-se às considerações feitas por Sartre que aponta o imaginário como o

irreal, Castro mostra o imaginário como fonte de realizações e de realidades possíveis ao mundo sensível.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O livro **Insubmissas Lágrimas de Mulheres** tem treze contos. Seus títulos recebem o nome das personagens que contam suas histórias para “a ouvinte de histórias de suas semelhantes” (EVARISTO, 2016, p. 69); que aprende no ar a fala (EVARISTO, 2016, p. 82); que provoca a fala das pessoas e que escreve histórias de mulheres (EVARISTO, 2016, p. 87); “viciada em ouvir histórias alheias” (EVARISTO, 2016, p. 19); que tem a sensação do reconhecimento pelo encontro (EVARISTO, 2016, p. 35); “como personagem do escrito” (EVARISTO, 2016, p. 55); estando diante das mulheres negras que carregam consigo o seu corpo/história (EVARISTO, 2016, p. 69).

A narrativa dos contos alterna-se entre a personagem ouvinte e as que são ouvidas. Estas acessam lembranças, descortinam o seu universo e expõem denúncias. Corpos se representam em movimento com a memória e o imaginário. “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, por exemplo, levada por um casal de pessoas brancas possuidoras de um sotaque estrangeiro, conta sobre o seu rapto dentro de um jeep. E estando ela cada vez mais distante dos seus familiares em tempo e em espaço, também se distanciava dos detalhes do rapto: “A lembrança do dia em que fui roubada voltava incessantemente. Às vezes, com todos os detalhes, ora grosseiramente modificado. Na versão modificada, eu-menina era jogada no porão de um navio, pelo casal que tinha me roubado de casa” (EVARISTO, 2016, p. 52).

Para Bergson (1999), existe uma lembrança pura como manifestação espiritual, em que a memória é o domínio do espírito e “a lembrança é a representação do objeto ausente” (BERGSON, 1999, p. 275). Os objetos do mundo sensível possibilitam imagens a partir deles. A memória, por sua vez, é a percepção que advém de uma incalculável quantidade de elementos rememorados (antes percebidos) por percepções puras. A percepção não é apenas orientada para o conhecimento puro, mas também para a ação. Toda percepção ocupa certa espessura de duração, de modo a prolongar o passado no presente, e participa, por esse motivo, da memória. Na percepção pura, o objeto percebido é o objeto presente, um corpo que modifica o nosso.

Quando a lembrança se torna rarefeita, parece complementar-se com elementos da memória, pois o “porão de um navio” não corresponde ao meio de transporte no qual Maria do Rosário havia sido “roubada”. Mas há indícios de que o transporte naval faz parte de uma

memória condizente com coletivo de sua gente, uma memória que transpassa as muitas gerações por meio de narrativas: “E, quando alcancei a gravidade da situação, por muito tempo pensei que fosse acontecer comigo, o que, muitas vezes, escutei os mais velhos contar. As histórias de escravidão de minha gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava” (EVARISTO, 2016, p. 46). Com o passar do tempo, a distância de sua terra e de sua gente vai aumentando cada vez mais: “Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente. Mas, com o passar do tempo, com desespero eu via a minha gente como um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes” (EVARISTO, 2016, p. 47).

É possível identificar traços de uma memória que necessita do tempo passado a se alimentar do futuro e que este vai se realizando enquanto existe o presente a repetir o passado de outra forma. Desse modo, “a memória consiste num progresso do passado ao presente” (BERGSON, 1999, p. 280).

As histórias que alimentam a memória são também evidenciadas no conto “Isaltina Campo Belo”:

“Nossa família desde os avós maternos de minha mãe, já se encontrava estabelecida na cidade. Eles tinham chegado ali, como negros livres, nos meados do século dezenove, com uma parca economia. Minha mãe, orgulhosamente, sempre nos contava a luta de seus antecedentes pela compra da carta de alforria” (EVARISTO, 2016, p. 57).

Campo Belo, “como gostava de ser chamada” (EVARISTO, 2016, p. 55), começa a falar dos seus conflitos pessoais, de um tempo em que não se reconhecia como menina, mas sim como menino: “Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino” (EVARISTO, 2016, p. 57).

Pela determinação biológica menino/menina em que “menino gosta de menina e menina gosta de menino”, era construído o imaginário de Campo Belo. Para ela, ela era um menino. Pois se percebia atraída por sua semelhante menina, ao ponto de que quem gosta de menina é menino. Então se questionava: “Como meu irmão não percebia que eu era igual a ele e como minha irmã não percebia que eu era diferente dela?” (EVARISTO, 2016, p. 59).

A partir de uma interpretação de Sartre (1996), a imagem permite a produção de pensamento, mas não de aprendizagem, ou seja, as imagens não produzem novas imagens em si mesmas. Há uma consciência imaginante que permite objetos reais (da percepção) se relacionarem com objetos irrealis (das imagens), sendo a obra de arte o irreal, pois o artista tem, a princípio, uma ideia enquanto imagem. Estando a escrita entendida como “ato da

consciência imaginante”. A criação do irreal é a expressão do imaginário. O imaginário para Sartre (1996) advém do mesmo material que a memória para Bergson (1999): as imagens.

Assim sendo, Campo Belo apreende imagens e delas o seu entendimento sobre si mesma reflete em afirmar ser um menino. Mas essas imagens são de fato apreendidas ou formadas através do mundo sensível e a partir de outras imagens?

Ao passar do tempo, Campo Belo relata: “Em toda a minha adolescência, vivi um processo de fuga. Recusava namorados, inventava explicações sobre o meu desinteresse sobre os meninos e imaginava doces meninas sempre ao meu lado. Até que, um dia, dolorosamente tudo mudou” (EVARISTO, 2016, p. 62). A mudança veio por um rapaz da faculdade onde ela estudava, ao insistir em querer namorá-la. Ele a cortejava, ou melhor, a perseguia sempre com insistência. “E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra...” (EVARISTO, 2016, p. 64).

Deixando por um instante o imaginário para retomá-lo mais adiante, a ocorrência acima prenunciava a cruel situação que romperia com a autonomia de Campo Belo sobre o seu corpo, após ela aceitar um convite feito pelo rapaz para ir a uma suposta festa: “Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher. Tenho vergonha e nojo do momento” (EVARISTO, 2016, p. 64). Depois desse acontecimento, Campo Belo experimentaria o sentir nulo do corpo:

“Tal era o estado de alheamento em que eu me encontrava, que só fui me perceber grávida sete meses depois, quase com a criança nascendo. Nem a falta do sangramento mensal, nem a modificação do meu corpo e muito menos a movimentação do bebê... Walquíria se fez sozinha em mim. Pai sempre foi um nome impronunciável para ela. Dentre cinco homens, de quem seria a paternidade construída sob o signo da violência?” (EVARISTO, 2016, p. 65).

E numa reunião da escola onde a filha estudava, ela redescobriria a si mesma e o seu próprio corpo:

“Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim. Eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem” (EVARISTO, 2016, p. 67).

A culpa pela ocorrência da violência sofrida é recorrente noutros contos do livro **Insubmissas lágrimas de mulheres**, como no de Maria do Rosário: “Nunca tinha relatado minha história para ninguém. Inventava sempre uma história sobre as minhas origens. Uma espécie de vergonha me consumia. Vergonha e culpa por ter me apartado dos meus” (EVARISTO, 2016, p. 53).

Outro sentimento parecido acontece em “Lia Gabriel”, quando o pai do seu filho Máximo Gabriel o arremessa sobre a cama e em seguida tenta bater nele. No instante de tal ato de violência, Lia Gabriel oferece suas costas para proteger o filho que, em consequência do episódio, sofreria de esquizofrenia: “A fala da médica me trouxe um misto de sentimentos. Culpa, vergonha, remorsos por ter escolhido tal homem para ser pai de meus filhos” (EVARISTO, 2016, p. 103).

Os relatos são mais que denúncias, são também experiências com o mundo sensível que se acomodam nas imagens do tecido imaginário. Este se dispõe por um longo período até que seja reconstruído ao mesmo tempo em que se desconstrói.

E retomando o entendimento sobre o imaginário, Castro (2008, p. 109), com base no pensamento de Iser sobre o tema, aponta que

“experimentamos o imaginário de modo difuso, informe, fluido e sem um referencial específico que o objetifique. Mas, apesar de sua existência no espaço difuso, ele é a condição para superar o existente e projetar o ainda inexistente. O imaginário é similar a um espaço aberto que, sem indicar limites, permite a invenção do possível como prenúncio de uma outra realidade”.

Desse modo, o imaginário tem as suas demarcações feitas para a reconfiguração da realidade. A memória, por sua vez, partilhando do mesmo material do imaginário (as imagens), também pode ser reconfigurada e contribuir com o fazer de uma nova história. E isso é visto com o fato de Campo Belo possibilitar a si mesma um reconhecimento dos seus sentidos e dos seus sentimentos em prol de uma identidade que se esclarece e se faz ao mesmo tempo através de suas ações. O corpo como objeto da imagem, e não tão somente como imagem, interfere nesse processo mediante reconhecimento e representação para a pessoa que o experimenta e o conhece. Eis a importância da crítica feminista ao evidenciar as experiências da mulher que escreve na sua literatura. Não como a disposição de uma irrealidade, mas como a disposição de memórias que, juntamente com o imaginário, possibilitam a visibilidade da existência e da luta contra as violências sofridas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No livro **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**, as vozes das personagens ecoam através daquela que as escuta. São representações de uma só voz por intermédio de múltiplos corpos semelhantes, a expressarem cada qual a sua vida. Mulheres negras, vidas em comum.

Um dos aspectos que se cruzam é a denúncia de sofrimentos por atos de violências praticados pelo homem, quase sempre por aquele escolhido para a partilha do dia a dia. São atos que advém, sobretudo, do machismo. Quais as observações sobre quais objetos se configura o imaginário instaurado pelo machismo? Ou seria o machismo uma realidade provinda de uma perspectiva imaginante de dominação? Ao observar características, não de objetos do mundo sensível, mas de imagens, estaria o homem sendo conduzido por elementos demarcados ou adquiridos? Se adquiridos, há uma fonte de passagem na sociedade; se demarcados, há que se levar em conta o núcleo familiar, sendo a família uma célula que compõe a sociedade. Aí está a importância das discussões de gênero! Para que seja combatida a produção de imagens equivocadas sobre a terminação biológica homem/mulher como determinação de identidade.

Outro aspecto que possibilita a afirmação do primeiro parágrafo destas considerações se dá pela relação e proximidade de alguns trechos da narrativa das personagens, como no conto “Rose Dusreis”: “dizem que algumas pessoas escrevem para não morrer, outras pintam, algumas representam, e há também as que cantam, as que tocam instrumentos, as que bordam... Eu danço” (EVARISTO, 2016, p. 115). Tais palavras remetem ao conto “Mary Benedita”, por ela afirmar que o seu sangue é também tinta para os seus quadros: “Colho de mim. Bordo com o meu sangue-útero a tela” (EVARISTO, 2016, p. 80). Os dois contos também se correlacionam pela troca de serviços como forma de pagamento. Rose Dusreis tem aulas de balé enquanto sua mãe lava roupas para a professora (EVARISTO, 2016, p.109). E Mary Benedita estuda inglês na “English School” enquanto sua tia ensina harpa para o filho do diretor (EVARISTO, 2016, p. 77).

Às vezes a personagem ouvinte evoca o nome de alguma outra, quando prestes a ouvir uma nova história. Ainda no conto “Rose Dusreis” é mencionado o conto “Mirtes Aparecida da Luz”, pela evocação deste próprio nome que é homônimo ao da personagem. “Mirtes Aparecida da Luz havia cerrado meus olhos no momento em que me contara sua história. E com aquele gesto Da Luz havia me proporcionado a redescoberta de que os olhos sozinhos não veem tudo” (EVARISTO, 2016, p. 107). E no conto “Mirtes Aparecida da Luz”, a personagem ouvinte menciona Isaltina Campo Belo, ao notar o olhar de “Da Luz (a maneira pela qual ela gosta de ser chamada)” (EVARISTO, 2016, p. 81) para além do que pudesse estar olhando. A cena é então comum às duas personagens: “quando ouvi Campo Belo, que falava comigo, mas seu olhar estava dirigido para a foto da filha” (EVARISTO, 2016, p. 82).

Mas quem é afinal a personagem ouvinte? O último conto do livro, “Regina Anastácia”, a revela em correspondência a autora. No início do conto, a personagem ouvinte



remete a presença de Anastácia às lembranças de outras mulheres, para ela rainhas, assim como Anastácia. E fala das realezas que descobriu na infância em Minas, sua terra natal. Mais adiante conta: “Não pude deixar de me levantar e, respeitosa, beijar a mão daquela mais velha, contemporânea de minha mãe, Joana Josefina Evaristo, tão rainha quanto ela” (EVARISTO, 2016, p.128).

Portanto, Conceição Evaristo, no tecido literário de seu livro, traz experiências reais aos corpos representados no mundo ficcional. Experiências que atravessam a memória e o imaginário das mulheres negras, e que permitem identificar uma única voz a repercutir em múltiplos corpos o que eles próprios são e carregam: histórias. Sendo o texto configurado pela realização do imaginário de quem o escreve, de modo que:

“Agindo sobre o leitor, o ficcional, como trânsito do imaginário, atua também na realidade circundante do próprio leitor. O fragmento selecionado da realidade, até então estranho ou fora da percepção do leitor, uma vez que se encontrava imerso na suposta realidade, ganha, pelo imaginário, um novo enfoque que também, e sobretudo, coloca em foco o não-selecionado e o não-dito. É a experiência do não-dito que configura, no ser e na realidade, o imaginário” (CASTRO, 2008, p. 114).

A citação também se direciona para a Crítica Feminista, tendo em vista que o(a) leitor(a) é ativo(a) na construção das possíveis interpretações da obra literária, fazendo de suas experiências uma ponte entre o mundo ficcional e a realidade. Ademais, o livro aqui estudado se mostra tão visível no mundo real quanto as palavras que o compõe.

A abordagem do pensamento de Bergson (1999) e de Sartre (1996) possibilitou entender mais de perto como se constituem a memória e o imaginário, mesmo em diálogo com o texto ficcional, ajudando a uma aproximação do universo das personagens. Em contraponto a não produção de novas imagens partindo da memória e do imaginário, foi possível notar que o próprio texto ficcional é resultado dessa produção, por requerer da pessoa que o lê as suas próprias contribuições de uma realidade vivida e/ou possível. Assim, abrem-se caminhos, com a projeção deste trabalho, para a demarcação do imaginário enquanto fonte de geração de experiências tão vividas no ficcional quanto no mundo sensível, bem como para entender a memória como um fluxo das imagens que se realiza pela conservação delas.

## REFERÊNCIAS

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, p. 1-11, dez. 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/fronteiraz/article/view/12201>>. Acesso em: 25 de jul. de 2020.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: MartinsFontes, 1999.

CASTRO, Sandra de Pádua. O imaginário na construção da realidade e do texto ficcional. **Revista Línguas & Letras**, Paraná, p. 107-115, especial/2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1309>>. Acesso em: 27 de jul. de 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **O Imaginário**: psicologia fenomenológica da imaginação. Tradução: Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 9., 2012, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 407-415. Disponível em: <<http://editora.pucrs.br/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>>. Acesso em: 22 de jul. de 2020.

